



HAL
open science

A biblioteca comunitária em interlocução com a memória social

Ana Pricila Celedonio da Silva, Lidia Eugenia Cavalcante Lima

► **To cite this version:**

Ana Pricila Celedonio da Silva, Lidia Eugenia Cavalcante Lima. A biblioteca comunitária em interlocução com a memória social. Médiations et hybridations: construction sociale des savoirs et de l'information. Actes du 4colloque MUSSI, GERiiCO, Jun 2018, Villeneuve d Ascq, France. pp.297-306. hal-03783098

HAL Id: hal-03783098

<https://hal.science/hal-03783098>

Submitted on 3 Oct 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - NoDerivatives 4.0 International License

A biblioteca comunitária em interlocução com a memória social

La bibliothèque communautaire en dialogue avec la mémoire sociale

The community library in interlocution with the social memory

Ana Pricila Celedonio da Silva – Lidia Eugenia Cavalcante Lima

Universidade Federal do Ceará (UFC)

priceledonio@gmail.com, cavalcantelidiaeugenia@gmail.com

Resumo

Apresenta o estudo empírico realizado em duas bibliotecas comunitárias situadas na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, cujo objetivo foi averiguar de que maneira as referidas bibliotecas têm atuado como espaço de documentação e de mediação da memória nas comunidades onde estão inseridas. Apresenta, ainda, discussões teóricas envolvendo o tema memória social atrelado à perspectiva de atuação das bibliotecas comunitárias.

Palavras-chave: memória social, biblioteca comunitária, comunidade, cultura e identidade, mediação de saberes.

Résumé

Cette recherche présente une étude empirique, réalisée dans deux bibliothèques communautaires situées dans la ville de Fortaleza (Ceará, Brésil), dont l'objectif est de vérifier la manière dont elles ont fonctionné comme espace de documentation et de médiation de la mémoire des communautés dans lesquelles elles sont insérées. Elle présente également une discussion théorique sur la mémoire sociale dans ses liens avec les perspectives d'action des bibliothèques communautaires.

Mots-clés : mémoire sociale, bibliothèque communautaire, communauté, culture et identité, médiation des savoirs.

Abstract

This paper presents the empirical study done at two community libraries located in the city of Fortaleza, state of Ceará, Brazil, whose objective was to find out how these libraries have acted as documentation space and memory mediation in the communities where they operate. Also presents theoretical discussions involving the subject of social memory linked to the acting perspective of community libraries.

Keywords: social memory, community library, community, culture and identity, mediation of knowledge.

Para citar este artigo:

Silva, Ana Pricila Celedonio da, Cavalcante Lima, Lidia Eugenia (2018). « A biblioteca comunitária em interlocução com a memória social ». In Chaudiron S., Tardy C., Jacquemin B. (Eds.). *Médiations des savoirs: la mémoire dans la construction documentaire. Actes du 4^e colloque scientifique international du Réseau MUSSI. Mediação dos saberes: a memória no contexto da construção documental. Anais do 4^o colóquio científico internacional da Rede MUSSI*, Villeneuve d'Ascq: Université de Lille, p. 297–306.

1 Introdução

A noção de memória perpassa, ao longo do tempo, diversos entendimentos, sendo vista pelas perspectivas cognitiva, social e material/documental. Nas concepções ligadas ao caráter social e documental da memória, as bibliotecas, museus e arquivos assumem, no decorrer da história das sociedades, desempenham papéis importantes na preservação e difusão do conhecimento e da cultura.

No Brasil, um tipo específico de biblioteca tem se destacado por buscar promover – além do acesso ao livro, à leitura e à informação – os aspectos da memória e da cultura das comunidades onde estão inseridas, são as *bibliotecas comunitárias* (Prado e Machado, 2008; Feitosa, 2014). No contexto brasileiro, esse tipo de instituição pode ser caracterizado como projeto social, oriundo de iniciativas populares, estabelecido a partir de gestão participativa (Machado, 2008; Cavalcante *et al.*, 2014).

Os movimentos em busca da memória social, mediante a atuação dessas bibliotecas, parecem contrastar com aqueles percebidos no cenário contemporâneo, haja vista os efeitos da modernidade e da globalização nos contextos comunitários, como o deslocamento das formas tradicionais nas relações sociais, para formas mais efêmeras e menos ligadas às tradições (Bauman, 2001). Para Nora (1993), o resultado desses efeitos teria ocasionado uma “vontade de memória”, e aquilo que, posteriormente, Candau (2016) chamou de “febre da memória”.

Mediante estudo realizado nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, ambas situadas na cidade de Fortaleza, Ceará, no Nordeste Brasileiro, verificou-se que a “vontade de memória”, está presente em algumas das ações realizadas por essas bibliotecas, as quais buscam promover sentimentos de pertença. Tais ações visam combater problemas sociais, como por exemplo, questões ligadas às situações de vulnerabilidade social. Nesse sentido, esta pesquisa buscou identificar de que maneira as referidas bibliotecas têm atuado como espaço de documentação e de mediação da memória nas comunidades onde estão inseridas.

O *corpus* discursivo do estudo ora apresentado perpassa pelas questões metodológicas presentes na realização da pesquisa, a qual se caracteriza como qualitativa e etnográfica. Apresenta, ainda, estudo dos aspectos teóricos acerca da memória social e questões subjacentes à mesma entrelaçado a discussões envolvendo o tema biblioteca comunitária e sua participação nos processos de mediação dessa memória. Por fim, destaca os resultados do estudo empírico realizado nas bibliotecas comunitárias supracitadas.

2 Aspectos metodológicos do estudo

A natureza dos questionamentos e objetivos traçados para esta pesquisa levaram à necessidade de imersão nos cenários que a compõem, aproximando-se de um estudo etnográfico. Combinado aos aspectos desse método, utilizou-se procedimentos de coleta de dados por meio de observação participante, entrevista semiestruturada e realização de oficinas de mediação de leitura, com o intuito de investigar, junto aos adultos e idosos, como a atuação das bibliotecas reverbera na percepção dos mesmos, sobretudo no que se refere à promoção da memória local. A apreciação dos dados coletados foi orientada por análise de cunho qualitativo, buscando interpretar a natureza das atividades e as relações existentes nos dois cenários.

Os cenários do estudo estão localizados em zonas de alta vulnerabilidade social da cidade de Fortaleza, Ceará, no Nordeste brasileiro. O primeiro deles, é o da Biblioteca Comunitária Criança Feliz (BCCF), localizada no bairro Jardim Iracema. A referida biblioteca foi inaugurada em 1994, e oferece diversas atividades de incentivo à leitura e ao lazer, também realizadas em outros espaços comunitários, a exemplo das praças. A segunda instituição estudada foi a Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança (BCSC), situada no bairro Presidente Kennedy, fundada em 2005 e, desde então, desenvolve atividades diversas como mediação de leitura, bem como outras ações de cunho cultural junto a comunidade.

3 Memória social: aspectos conceituais e contemporâneos

Por muito tempo a memória foi vista e estudada particularmente pelo escopo da mente humana. Em contraponto a essa perspectiva, na primeira metade do século XX, Maurice Halbwachs (2003) introduz a concepção de *memória coletiva*, colocando a mesma sob a égide dos quadros sociais. Para Halbwachs (2003), o homem, enquanto ser de natureza fundamentalmente social, não pode ter suas lembranças pensadas de forma isolada dessas estruturas. Conforme o autor, “é difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam” (Halbwachs, 2003, 42).

O referido teórico, contudo, não nega a existência de uma memória individual que, segundo ele, seria aquela de ordem íntima, que o indivíduo transporta consigo. Não obstante, essa mesma memória não deixa de transcorrer pelos grupos, de se tornar lembranças em comum. Comungando das perspectivas defendidas por Halbwachs (2003), Pierre Nora (1993), define a memória como fenômeno sagrado, vivido em um eterno presente, cheio de recordações, de lembranças que emergem de “um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (Nora, 1993, 9).

Em análise das teorias de Halbwachs (2003), Candau (2016) explica que a adjetivação memória coletiva pode não se adequar a todos os tipos de memória grupais. Para o autor, as memórias coletivas estão ligadas às experiências que os membros de um grupo compartilham igualmente, porquanto, “não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação” (Candau, 2016, 48).

Junto à perspectiva social, as concepções de memória perpassam, ainda, por suas formas de materialização. Le Goff (2003) considera essa concepção acerca da memória, como “memória artificial”, aquela que é realizada e fixada por meio de suportes e mecanismos, como a escrita, e que atualmente se realiza mediante computadores e demais técnicas.

Em perspectiva semelhante, Candau (2016) reflete que os processos decorrentes da escrita, são maneiras de exteriorização da memória. Para o autor, o ato de exteriorizar a memória, tem acompanhado os homens desde suas origens, quando estes circunscrevem sua cultura por meio de suas gravuras pré-históricas. E acordando com Le Goff (2003), afirma ainda que teria sido a invenção da escrita e, mais ainda a imprensa, que veio permitir maior socialização da memória.

De forma intrínseca às questões ligadas a memória social, estão também as reflexões acerca da identidade. Sob a perspectiva defendida por Pollak (1992), as memórias terão grande influência na constituição das identidades, sejam elas individuais, ou coletivas. Para o autor “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si.” (Pollak, 1992, 204)

Ainda para esse autor, a projeção que o sujeito tem de si terá sempre, em alguma medida, referência coletiva, pois a ação de identificação do sujeito acontece por meio de negociações entre os indivíduos de um grupo, e são as memórias (vivenciadas ou não) que serão responsáveis pelos elementos fundadores dessas identidades. (Pollak, 1992)

No cenário contemporâneo, as discussões que envolvem a memória têm sido cada vez mais relacionadas às questões indicativas de uma crise memorial e da identidade social. A sociedade atual, segundo Candau (2016), vive uma espécie de *mnemotropismo*, a febre de uma busca pela memória, que seria resultado de uma crise identitária, própria dos tempos em que vivemos.

Perspectiva que vai ao encontro daquilo que Nora (1993, 7) apresenta em sua problemática dos lugares, quando afirma que “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais.” De acordo com o autor, estaríamos saudosos da memória porque ela encontra-se distante, um sentimento que decorre dos resultados das rupturas com o passado presentes nesse novo modelo social.

Com efeito, ao refletir os conceitos e percepções acerca da memória, veremos que a mesma se encontra interligada ao próprio caminhar histórico da sociedade e, nesse processo, a memória teve como aliados as bibliotecas, arquivos e museus (Baratin *et al.*, 2008). Na contemporaneidade, e de modo específico em território brasileiro, a memória social tem como aliada um tipo específico de instituição - a biblioteca comunitária. Essas bibliotecas têm inaugurado formas de promover acesso ao livro e à informação e, não obstante, promovem também outros formatos de mediação da cultura e da memória de suas comunidades.

4 A biblioteca comunitária no território da memória

No Brasil, as iniciativas de criação de bibliotecas comunitárias remontam há décadas. Todavia, é mediante a pesquisa intitulada “Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil” de Elisa Machado (2008) que percebemos a primeira definição e estabelecimento das características desse tipo de biblioteca. Em sua análise, a referida autora apresenta o seguinte conceito:

“Um projeto social que tem por objetivo estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, liderados por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, a leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social” (Machado, 2008, 64).

A autora afere, ainda, a algumas das especialidades e atributos deste tipo de biblioteca, as quais residem: na sua forma de constituição, visto que são formadas e criadas pela comunidade a que pertencem, no combate conjunto à exclusão informacional como forma de possibilitar a igualdade e justiça social, no processo de articulação dos indivíduos da comunidade, na localização dentro de uma comunidade, e no fato de não estarem ligadas diretamente a órgãos governamentais (Machado, 2008).

O estudo de Machado (2008) auxiliou na fundamentação teórica de variadas pesquisas envolvendo a temática das bibliotecas comunitárias, dentre essas, destacamos o estudo realizado por Cavalcante e Feitosa (2011), onde essas bibliotecas são compreendidas como espaços coletivos “frutos das práticas sociais e culturais do cotidiano para o enfrentamento da falta de acesso à informação e à leitura” (Cavalcante e Feitosa, 2011, 123). Nesse mesmo sentido, destacamos também as discussões realizadas por Cavalcante *et al.* (2014), cuja definição de biblioteca comunitária segue o direcionamento de que,

“São espaços informacionais, fruto da ação coletiva ou individual, legitimados pelos moradores a partir do diálogo, da partilha, observações, necessidades e negociações entre os envolvidos. A gestão ocorre de modo dinâmico, mediante trabalho voluntário e ação participativa. Seus acervos são constituídos, na maioria das vezes, de doações, assim como o mobiliário, o prédio e os recursos para a realização das atividades. Como são espaços criados pela ação comunitária voltam-se principalmente para o compartilhamento das ações culturais, o empréstimo de livros e a mediação da leitura de modo criativo e autônomo” (Cavalcante *et al.*, 2014, 30).

Por meio desses conceitos, percebe-se que a concepção de biblioteca comunitária transita especialmente pelos aspectos da gestão autônoma e participativa, a inserção em uma comunidade e a promoção da leitura e inclusão informacional. Portanto, é possível identificar que a concepção de biblioteca comunitária revela forte função social, o que faz com que esse papel reverbere na forma de atuação nos espaços da comunidade na qual se insere.

Além dos aspectos ligados à promoção da leitura e da informação, Prado e Machado (2008) indicam a possibilidade de se pensar a biblioteca comunitária como território de memória, lugar que “além do livro e da leitura que se constituem nos seus principais suportes físicos e intelectuais,

incorpora também outras atividades socioculturais, políticas, desportivas e/ou recreativas das comunidades usuárias” (Prado e Machado, 2008, 11).

Sob essa perspectiva, a atuação dessas bibliotecas estará também voltada a conjugar os valores da memória e identidade de sua comunidade. Ao colocar a promoção da memória e cultura da comunidade na agenda de suas ações, a biblioteca comunitária poderá contribuir também no sentido de desenvolver “um fluxo de democratização da informação que seja recíproco entre elas e suas respectivas comunidades, a consolidação de um sistema autônomo e de integração sociocultural e desenvolvimento local se tornará possível” (Prado, 2009, 381).

Ao corroborar com essa perspectiva, Feitosa (2014) apresenta alguns dos aspectos que compõem o cenário comunitário e que, segundo o autor, podem estar inclusos na dinâmica de atuação da biblioteca comunitária, a saber: a cultura ou imaginário cultural; as memórias; as identidades; as tradições; os cotidianos; os modos de comunicação; e os patrimônios que se constituem dos indivíduos (especialmente os idosos), das casas, das ruas etc. Para o autor, ao congregar esses aspectos, a biblioteca comunitária estará atuando como território de articulação entre a memória e a cultura, tornando-se, assim, “*locus* de leitura e também de criação, de inventividade; um lugar de encontro, de convivência e de produção do saber, da memória, da tradição e da cultura” (Feitosa, 2014, 117).

Prado e Machado (2008) especificam alguns aspectos que podem auxiliar a compreender como uma biblioteca comunitária poderá se configurar no conceito de lugar ou território de memória, entre os quais destacamos três aspectos:

“Considerar a biblioteca comunitária como território de memória (ou de cidadania) o espaço material dinâmico que se transforma mediante as ações sociais, culturais, religiosas, econômicas e tecnológicas concretas de quem dela participa; Ter um passado histórico de atuação que revele características socioculturais e políticas que transcendam ao seu acervo existente; Estar localizada em regiões periféricas seja na zona urbana ou na zona rural; Ter sido criada horizontalmente, pela e não apenas por uma pessoa física ou jurídica da comunidade. Em outras palavras, pela vontade e iniciativa própria da comunidade; Se apresentar como um espaço público, aberto à participação ampla e democrática da comunidade e ao acesso à informação, à leitura, ao livro e a quaisquer outros instrumentos informacionais nela existentes; Atuar como um centro cultural local com evidente valorização da ação cultural; Não ser uma instituição governamental e nem ter subordinação direta com a esfera pública tanto municipal, quanto estadual ou federal, a não ser de parcerias formais; Não deve ter vínculo, nem tampouco restrição a qualquer tendência política, ideologia e/ou religiosa, e sobretudo não ser utilizada exclusivamente para benefício próprio de um indivíduo ou do grupo que a dirige; Deve seguir os princípios da gestão participativa, estabelecendo articulações locais no sentido de fortalecer sistematicamente os vínculos com a comunidade” (Prado e Machado, 2008, 10).

Desse modo, percebe-se que os aspectos necessários para a caracterização da biblioteca comunitária como território de memória estão combinados com as características conceituais das mesmas. O que confirma que as questões ligadas à memória e à cultura local se encontram presentes na própria constituição do sentido de biblioteca comunitária. Isso significa dizer que, se a biblioteca comunitária retirar de sua agenda de atuação os aspectos ligados à memória e à cultura local, ela caminhará para o esvaziamento de sua própria identidade como projeto social oriundo de iniciativa comunitária.

Destarte, atentos aos aspectos defendidos nas discussões elucidadas acima, o estudo etnográfico realizado nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, localizadas na cidade de Fortaleza, Ceará, teve como objetivo principal averiguar se as referidas bibliotecas buscam adentrar nos territórios da memória das comunidades onde estão inseridas.

5 Resultados

A imersão e leitura dos contextos nos quais realizou-se a pesquisa mostrou riqueza de significados e expressões culturais que permeiam as bibliotecas em sua relação com as comunidades. Devido às questões e problemáticas sociais presentes nesses locais, envolvendo, sobretudo, os elevados índices de violência, identificamos que as bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” buscam contribuir no combate a essas situações, promovendo o acesso à informação e à leitura, assim como pela realização de ações culturais para os moradores. Através dessas ações, as bibliotecas buscam evidenciar os aspectos da memória, cultura e identidade de suas comunidades. Nesse sentido, destacam-se dois projetos realizados por esses espaços, o “Histórias de Quintais” realizado na BCCF, e o “Tecendo Memórias” organizado pela BCSC.

O projeto “Histórias e Quintais” foi criado em 2011 mediante articulação com o grupo de bordadeiras do Projeto Comunitário Criança Feliz (PROCIF), com o objetivo de promover momentos de encontro e resgate das memórias da comunidade. Os encontros são realizados nos quintais das casas de moradores do bairro Jardim Iracema e, de acordo com os organizadores, ao longo de suas edições, os quintais buscaram reviver as tradições locais, as lendas e as memórias, especialmente dos moradores mais antigos.

A programação desses encontros é marcada principalmente pelas partilhas de memórias, que ocorrem tanto através da oralidade, como também por meio da exposição de objetos, como utensílios domésticos e fotografias da família e dos vizinhos. Bem como, através da realização de mediações de leitura, apresentação de danças, teatro, dentre outras formas. De acordo com umas das organizadoras da ação, “[...] com o passar do tempo, esses quintais foram agregando outras coisas e, é importante dizer, que mesmo trabalhando com as memórias, cada quintal é diferente, porque as histórias são muito ricas, a gente trabalha com a história do dono da casa, com a pessoa que tá ali” (Arte-educadora do PROCIF).

Durante este estudo, mediante pesquisa participante nos encontros realizados no segundo semestre de 2017, identificamos que, nesses momentos, as lembranças partilhadas pelos moradores participantes trazem à tona memórias ligadas não só à comunidade de modo geral, mas também das ruas, dos vizinhos, dos colégios, das lendas e saberes populares.

Pela oralidade, os moradores partilham lembranças de ordem pessoal, como as memórias ligadas a infância, bem como recordações de ordem coletiva, ligadas as relações familiares e de amizade, e ainda, os saberes relacionados a medicina popular, por exemplo, as propriedades medicinais dos chás etc. Os mais antigos relembram os aspectos ligados a fundação da comunidade e dos bairros vizinhos, como pode ser observado no seguinte trecho referente ao depoimento de morador do bairro Jardim Iracema, na ocasião do Histórias e Quintais:

“Vocês sabem porque ali se chama Padre Andrade? Porque tinha um padre aqui que se chamava Padre Andrade, ele rezava as missas nos fins de semana, debaixo do velho cajueiro, fazia os casamentos e os batizados. Esse padre morreu afogado, e os moradores em homenagem a esse homem foram na prefeitura trocar o nome de Buenos Aires pra Padre Andrade. Aí dois anos depois foi criado os loteamentos do Jardim Iracema, antes era só um nome, foi há uns quatro anos que passou a existir o bairro Jardim Iracema” (Oto, antigo morador do Jardim Iracema).

Em oficina realizada com os moradores e participantes do Histórias e Quintais foi possível identificar a opinião dos mesmos quanto a realização dessas ações. De modo geral, os moradores relatam que esses encontros fornecem momentos de aprendizado acerca da história da comunidade, assim como a possibilidade de recordar lendas locais, como o mito da “Cobra Isaura”, que segundo os participantes da pesquisa, é uma história que vem sendo contada na comunidade e nos bairros vizinhos desde a fundação dos mesmos, em meados da segunda metade do século XX. A lenda conta a história de uma jovem que ao ser enfeitada teria se transformado em uma enorme cobra, a qual, no folclore



Figura 1. *Histórias e Quintais.*
Fonte: Dados da Pesquisa.

local, até os dias atuais assombra a “Lagoa do Urubu”, situada entre os bairros Jardim Iracema, Padre Andrade, Floresta e Presidente Kennedy. A referida história pode ser encontrada também na forma escrita, através do cordel intitulado: “O Romance de Isaura e João Mimoso”, escrito por Rafael Brito, um jovem poeta e escritor do bairro Jardim Iracema.

Ademais, os participantes da oficina relatam que, mediante esses encontros, existe a possibilidade de que as gerações mais novas possam conhecer e valorizar a história da comunidade onde residem. Ainda sobre o projeto, os moradores destacam a possibilidade de lazer e convivência entre as famílias e os vizinhos, conduzindo ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

No que se refere ao projeto Tecendo Memórias, foi possível identificar que é realizado anualmente pela BCSC, ocorrendo desde 2013, com exceção do ano 2016. O projeto surgiu como iniciativa de promover maior interação entre o público adulto e a biblioteca, assim como a possibilidade de gerar momentos de partilha de memórias individuais e coletivas dos moradores do bairro Presidente Kennedy.

Referida ação traz em sua programação atividades como mediação de leitura, partilhas de memórias, e ainda, outras atividades de lazer envolvendo música e dança. Segundo uma das organizadoras, o projeto foi criado no sentido de: “trazer esse resgate da memória do bairro, da comunidade. Porque foram histórias trazidas por eles né, e das lembranças mesmo da infância” (Mediadora de Leitura da BCSC).

De acordo com os informantes da pesquisa, as primeiras edições do Tecendo Memórias tiveram temas lúdicos relacionados às memórias do período da infância. A quarta edição do Tecendo Memórias, ocorrida no ano de 2017, teve como tema principal as memórias ligadas aos cenários da caatinga¹ e do sertão. Essa última temática abordada no evento foi escolhida por remeter à origem e identidade de muitos dos moradores da comunidade.

¹Bioma brasileiro que apresenta clima semiárido.

Nas partilhas realizadas no encontro, alguns moradores idosos relataram memórias relacionadas à própria vida nas regiões do interior do Ceará. Ademais, percebemos que, mesmo com tema diferente dos primeiros encontros do projeto, a maior parte das recordações voltam-se também ao período da infância dos depoentes, como podemos observar no trecho de partilha realizada no IV Tecendo Memórias, em 2017:

“[...] quando eu era criança eu só brincava com coisa de menino. Eu só brincava de pião, de arraia né. Eu nunca na minha vida brinquei de boneca, apesar que tinha umas bonecas de pano, mas eu só gostava de brincar era de pião, e da turma todinha lá do cinco, a que soltava pião melhor era eu, tanto pião como arraia. Então isso aqui né, me lembrou do meu tempo até os meus dezesseis anos” (Líder comunitária, Participante do IV Tecendo Memórias).

Outro ponto de destaque no IV Tecendo Memórias foram as partilhas que tiveram como elementos mediadores de recordações os objetos expostos no cenário do encontro. Os objetos foram posicionados com o intuito de fazer ressurgir as lembranças dos participantes, os quais, influenciaram de modo especial as memórias de alguns idosos presentes. Entre os objetos responsáveis por fazer emergir recordações estava um pequeno pote de cerâmica, que segundo um idoso da comunidade, o fez recordar de sua época de criança em que morava no sertão e era preciso buscar água no rio mais próximo de sua casa.



Figura 2. IV Tecendo Memórias.
Fonte: Dados da Pesquisa.

Além do pote de cerâmica, outros objetos como lamparina², pião³ e um disco de vinil antigo, fizeram com que outros moradores recordassem suas histórias. O que nos ajudou a perceber aquilo que Halbwachs (2003, 158) afirma sobre a capacidade de rememoração que emerge dos objetos e dos ambientes. Bem como o que Nora (1993, 9), reflete quando diz que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.

Na oficina realizada na BCSC averiguamos que, na opinião dos participantes acerca do envolvimento da biblioteca em relação a promoção da memória local, os encontros do projeto Tecendo

²Também conhecida como lâmpada a óleo.

³Tipo de brinquedo.

Memórias são apontados como momentos onde é possível lembrar aspectos do passado dos moradores, assim como recordar tradições ligadas à infância dos mesmos. Nesse mérito, algumas das participantes lembram um costume comum à infância: a confecção artesanal e improvisada de brinquedos, em especial de bonecas feita de pano.

De modo semelhante ao ocorrido na oficina realizada na BCCF, os participantes da BCSC indicam esses encontros como oportunidades de convivência entre as diferentes gerações da comunidade e fortalecimento das relações entre as famílias e os vizinhos. Sobre isso, ressaltam que é um ponto que precisa de grande atenção na comunidade, devido ao contexto de violência no qual a mesma está envolvida.

Além desses projetos, identificamos outros modos pelos quais as bibliotecas pesquisas promovem a memória e a cultura local, como por exemplo, a inserção de temáticas ligadas à comunidade nas mediações de leitura, nos saraus literários e em outras atividades das bibliotecas. No mais, é preciso considerar que, para além dessas ações, existe um “tecer de memórias” permeados no fazer cotidiano dessas bibliotecas comunitárias, a exemplo das memórias leitoras formadas através dos livros lidos ou “ouvidos” nas mediações de leitura, bem como nas comemorações, festas, relações de amizade, encontros, diálogos, e sentimentos que se constroem junto a biblioteca.

Com relação ao acervo desses espaços, podemos identificar a existência de obras de cunho informativo e literário que abordam aspectos da cultura nordestina e cearense, as quais são utilizadas nos momentos de mediação de leitura realizados nos encontros dos projetos Histórias e Quintais e no Tecendo Memórias, e em outras ações das bibliotecas. No entanto, identificamos uma escassez de obras que reflitam a história das comunidades onde as bibliotecas estão inseridas. Nesse sentido, cabe comentar que as partilhas de memórias ocorridas de forma oral nos projetos acima descritos oferecem excelentes oportunidades para que essas bibliotecas possam registrar e promover as memórias, especialmente para as gerações futuras. Não obstante, não podemos esquecer que, assim como observamos nesses projetos, a oralidade protagonizou por muito tempo os processos de transmissão das memórias e dos saberes (Le Goff, 2003).

As memórias partilhadas nesses eventos remetem principalmente aos temas do cotidiano, como infância, família e demais histórias que envolvem o passado da comunidade. Os narradores, muitas vezes, não se preocupam em citar datas ou fatos históricos, apenas narram suas recordações, as quais transcendem o individual e se juntam à identidade e às tradições que marcam a cultura das comunidades.

Desse modo, vemos nesse aspecto, algo muito similar à forma como Halbwachs (2003), Nora (1993) e Candau (2016) discorrem acerca das diferenças existentes entre a história e a memória, quando refletem, dentre outros aspectos, que a história se ocupa em esclarecer o passado de modo objetivo e científico, enquanto que a memória deseja instaurar o passado no presente pelo ato da recordação. Nesse sentido, os autores refletem também que os atos de memória não estão presos a convenções científicas e metodológicas, mas decorrem daquilo que impulsiona o ato da recordação, como um objeto, um lugar, as tradições, as narrativas, as lendas etc.

Isto posto, entre formas explícitas e implícitas, podemos observar a existência de movimentos em busca das memórias comunitárias presentes nos processos de atuação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”. A partir de suas ações, essas bibliotecas buscam promover o diálogo com os aspectos culturais das comunidades, de modo a fazer com que os moradores sejam ao mesmo tempo usuários e partícipes das tessituras realizadas nas ações culturais organizadas por esses espaços.

Referências

Baratin M., Jacob C., Mortara M. (2008). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*, 3. Ed., Rio de Janeiro, UERJ.

- Bauman Z. (2001). *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Candau J. (2016). *Memória e Identidade*, São Paulo, Contexto.
- Cavalcante L. E., Araripe F. M. A., Pinto V. B., Feitosa L. T. (dir.) (2014). *Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes*, Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora.
- Cavalcante L. E., Feitosa L. T. (2011). « Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania ». In *Liinc em Revista*, vol. 7, nº 1, p. 121-130.
- Feitosa L. T. (2014). « Comunicação e Cultura: as faces e os sotaques da biblioteca comunitária ». In Cavalcante L. E., Araripe F. M. A., Pinto V. B., Feitosa L. T. (dir.), *Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes*, Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, p. 107-120.
- Halbwachs M. (2003). *A Memória Coletiva*, São Paulo, Centauro.
- Le Goff J. (2003). *História e memória*, Campinas (SP, Brasil), Editora da Unicamp.
- Machado, E. (2008). *Bibliotecas Comunitárias como Prática Social no Brasil* [online]. Tese de Doutorado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php> (página consultada em: 20 novembro. 2017).
- Nora P. (1993). « Entre memória e história: a problemática dos lugares ». In *Projeto História*, vol. 10, p. 7-28.
- Pollak M. (1992). « Memória e identidade social ». In *Estudos histórico*, vol. 5, nº 10, p. 200-212.
- Prado G., Machado E. (2008). « Território de Memória: fundamentos para a caracterização da biblioteca comunitária. » Em *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [online], São Paulo. Disponível em: <http://do.cplayer.com.br/8096822-Territorio-de-memoria-fundamento-para-a-caracterizacao-da-biblioteca-comunitaria-1.html> (página consultada em 28 novembro 2017).
- Prado G. (2009). « Biblioteca Comunitária: território de memória, informação e conhecimento ». In Braga G. M., Pinheiro L. V. R. (dir.), *Desafios do Impresso ao Digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento*, Brasília, IBICT, p. 365-386.